

TORTO ARADO: ANCESTRALIDADE NEGRA COSTURADA AO TEMPO E À TERRA

VIEIRA JÚNIOR, Itamar. *Torto Arado*. São Paulo: Todavia, 2019.

*Karina Lima Sales*⁴

A força do tempo, “indomável como um cavalo bravo” (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 195), é presença viva em *Torto arado*, primeiro romance de Itamar Rangel Vieira Júnior,⁵ publicado em 2019, pela Editora Todavia, e que recebeu, em 2020, o Prêmio Jabuti de melhor romance literário e o Prêmio Oceanos de Literatura. Em 2018, já recebera o Prêmio Leya de Literatura, em Portugal, país em que ocorreu a primeira edição e publicação do romance. Nele, o tempo como fio condutor já nos é apresentado desde a escolha da epígrafe, um trecho de *Lavoura arcaica*, de Raduan Nassar: “A terra, o trigo, o pão, a mesa, a família (a terra); existe neste ciclo, dizia o pai nos seus sermões, amor trabalho, tempo”. O tempo, esse que “não se deixa ver, tocar, sentir, saborear, nem respirar como um odor” (ELIAS, 1998, p. 7), é, entretanto, uma vivência concreta e constitui o fluxo da memória, se a entendermos como “uma evocação do passado”, a “capacidade humana e reter e guardar o tempo que se foi, salvando-o da perda total” (CHAUÍ, 1995, p. 125), embora esse tempo tenha múltiplas faces e ritmos, que impactam na maneira como o vivido é retomado, representado e sob quais perspectivas.

Em *Torto arado*, o tempo vem imbricado à terra, atravessando, pela rememoração, gerações de sujeitos expropriados do direito à terra, embora nela trabalhando e constituindo-a, desnudando conflituosas relações de exploração humana, historicamente constituídas e, infelizmente, ainda hoje passíveis de serem encontradas. Em nosso áspero tempo presente, eclodem, muitas vezes, notícias de pessoas vivendo em condições análogas à escravidão, exploradas pelo capital, vilipendiadas em seus direitos humanos. Em *Torto arado*, essa relação com a terra nos é apresentada – via turbulência da memória, em que passado e presente se amalgamam – através de três vozes narrativas femininas, atravessadas por tantas outras vozes.

⁴ Doutora em Letras: Estudos Literários (UFMG); Professora Assistente na Universidade do Estado da Bahia, UNEB / Campus X; pesquisadora do GEICEL - de Estudos Interdisciplinares em Cultura, Educação e Linguagens (UNEB / Campus X), na linha de pesquisa Literatura: Crítica, Memória, Culturas e Sociedade. E-mail: kalisalima@hotmail.com.

⁵ Itamar Vieira Junior nasceu em Salvador, em 1979. É geógrafo, doutor em Estudos étnicos e africanos pela UFBA. Também é autor dos livros de contos *Dias*, publicado em 2012 pela Editora Caramurê Produções, e *A oração do carrasco*, lançado pela Editora Mondrongo em 2017 e finalista do 60º Prêmio Jabuti na categoria “conto”.

As duas primeiras partes são conduzidas pelas irmãs Bibiana e Belonísia, cujas vidas são marcadas por um acidente na infância que as ligará por toda a vida. A primeira parte, “Fio de corte”, é conduzida pela voz de Bibiana, irmã mais velha, que nos coloca em contato com os primeiros traços da família, da forte ligação entre seus membros, da importância dos mais velhos. O início é impactante: “Quando retirei a faca da mala de roupas, embrulhada em um pedaço de tecido antigo e encardido, com nódoas escuras e um nó no meio, tinha pouco mais de sete anos” (2019, p. 13). O misterioso objeto, cuidadosamente guardado pela avó Donana em sua mala velha de couro de caititu, suscita a curiosidade das irmãs durante a exploração da mala, em um momento de distração de Donana, encontrando a faca, “joia preciosa que nossa avó guardava com todo seu segredo” (2019, p. 15). O acidente vai sendo apresentado passo a passo aos leitores, deixa-nos em suspense sobre a extensão do ferimento de cada uma, acompanhando o desespero familiar com o fato, os cuidados após o acidente e a construção de uma aprendizagem para as comunicações diárias, salientando o fato de as irmãs terem se conectado profundamente pós acontecimento:

Foi assim que me tornei parte de Belonísia, da mesma forma que ela se tornou parte de mim. Foi assim que crescemos, aprendemos a roçar, observamos as rezas de nossos pais, cuidamos dos irmãos mais novos. Foi assim que vimos os anos passarem e nos sentimos quase siamesas ao dividir o mesmo órgão para produzir os sons que manifestavam o que precisávamos ser (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 24).

Bibiana, em sua narrativa, vai desvelando ao leitor um pouco de seu processo de amadurecimento e a transformação em uma jovem mulher que “queria experimentar a vida, para ver o que poderia nos acontecer”. Na adolescência, no íntimo contato com o primo Severo, futuro companheiro, inicia-se o seu processo de consciência de pertencimento à terra, do engendramento de sua identidade a partir da terra. Em uma das conversas, Severo lhe diz que havia sido parido pela terra: “Achava engraçado vê-lo utilizar essa imagem para afirmar sua aptidão para a lavoura. Nunca havia pensado que tinha sido parida pela terra” (2019, p. 72). E a força do parir, ou sua simbologia, marca inúmeras das ações do romance. A primeira parte termina com Bibiana, adolescente e grávida, fugindo da fazenda, confiando nos sonhos de Severo de “uma vida além da fazenda”, sem repetir as situações de exploração que todos sofriam em Água Negra, na qual Bibiana nascera e sempre vivera. Sair da fazenda significaria a possibilidade de parir outro futuro, que não o desenhado para todos que ali ficavam, do ciclo eterno das explorações, como a que deflagra a sua decisão de ir embora. A transformação de Bibiana não nos chega através das palavras dela, mas pela voz da irmã, a segunda narradora do romance.

A segunda parte, “Torto arado”, segue sob a condução de Belonísia, a irmã um ano mais nova que Bibiana. O início de cada parte encontra-se diretamente imbrincado com o final da anterior. Assim, Belonísia inicia sua narrativa pela

percepção da fuga da irmã, grávida, com Severo, e novamente vemos o desespero familiar, agora pela saída de dois de seus membros, sem a bênção dos pais e mais velhos. É a partir desse fato que nos depararemos com as intensas transformações pelas quais passaram as irmãs, separadas após a fuga de Bibiana. Na transição para a vida adulta, as irmãs seguem caminhos diversos: Bibiana, ausente por muitos anos de Água Negra – ainda que esta não possa sair nunca dela –, enfrenta situações adversas, sofre novas explorações de trabalho, pois o jugo ultrapassava os limites de Água Negra: “[...] percebeu que a vida além da Água Negra não era muito diferente no que se referia à escravidão” (2019, p. 214). Mas consegue, a duras penas, terminar os estudos e tornar-se a professora que sonhava, para orgulho do pai, que a queria professora da escola da fazenda, para a qual a filha e sua família retornam. Belonísia segue o fluxo de existência da fazenda, funde-se à terra mais e mais, sob a força do torto arado que rege as existências. E torna-se escritora: “Se soubesse que tudo que se passa em meus pensamentos, essa procissão de lembranças enquanto meu cabelo vai se tornando branco, serviria de coisa valiosa para quem quer que fosse, teria me empenhado em escrever da melhor forma que pudesse” (2019, p. 170). É pelo olhar de Belonísia que conhecemos muito da trajetória de sua família, da avó Donana, o pai Zeca Chapéu Grande e a mãe Salu, além de outras tantas famílias negras descendentes de escravizados, cujas vidas diaspóricas foram cíclica e historicamente se repetindo, ditadas pelo medo, “que atravessou o tempo e fez parte de nossa história desde sempre” (2019, p. 178).

A terceira parte do romance, “Rio de sangue”, é narrada por uma entidade do jarê, religião de matriz africana, candomblé de caboclo que existe na Chapada Diamantina e cujas origens remontam a meados do século XIX e ao período da mineração. Essa entidade, força feminina, parece tudo ver e conhecer dos povos que vivem na região em que se passa a trama, sertão da Bahia, território marcado pela força da natureza sobre a terra, com seus ciclos de seca e de abundância que regem as maneiras de viver, a importância do Rio Santo Antônio e dos marimbus. Essa entidade, como voz narrativa, retoma elementos trazidos pelas vozes narrativas anteriores, dá voz a outras personagens, aponta-nos a consciência da força da ancestralidade e da religiosidade que sempre marcaram a vida da família de Zeca Chapéu Grande e de toda a comunidade de Água Negra, que o veem como liderança espiritual e lhe têm grande estima e respeito. A entidade tudo sabe e vê a transformação dos habitantes de Água Negra, construindo a percepção de seus direitos: “Muitos nunca estiveram conformados com os interditos, mas durante muito tempo foi necessário permanecer quieto e submisso para garantir a sobrevivência. Agora falam em direito dos pretos, dos descendentes de escravos que viveram errantes de um lugar para o outro” (2019, p. 212). E é sob o prisma da entidade que vemos as irmãs amadurecerem mais e mais e se fortalecerem na luta pelo direito dos trabalhadores negros de Água Negra à terra, cada uma a sua maneira. Um dos momentos mais emblemáticos do fortalecimento de Bibiana como

voz de enfrentamento ao sistema de exploração dos negros da fazenda é quando ela profere um discurso aos seus, sob a ameaçadora presença do dono da fazenda:

Quando deram a liberdade aos negros, nosso abandono continuou. O povo vagou de terra em terra pedindo abrigo, passando fome, se sujeitando a trabalhar por nada. A mesma escravidão de antes fantasiada de liberdade. Mas que liberdade? Não podíamos construir casa de alvenaria, não podíamos botar a roça que queríamos. Levavam o que podiam do nosso trabalho. Trabalhávamos de domingo a domingo sem receber um centavo. O tempo que sobrava era para cuidar das nossas roças, porque senão não comíamos. Era homem na roça do senhor e mulher e filhos na roça de casa, nos quintais, para não morrerem de fome. (2019, p. 220).

Torto arado é um romance denso, com uma narrativa fluente e muitíssimo bem arquitetada. Pelas suas páginas vicejam denúncias de desigualdades sociais, das violências de gênero, do projeto genocida sempre presente, do peso da fome, do abandono e do desrespeito sofrido pelos trabalhadores rurais. A trajetória de vida desses sujeitos que povoam *Torto arado* nos chega através da memória coletiva, definida pelo historiador Pierre Nora como “o que fica do passado no vivido dos grupos, ou o que os grupos fizeram do passado” (NORA, 1978, p. 112). No romance, vemos a ressignificação da existência pela tomada de consciência de um pertencimento à terra e pela percepção da força da ancestralidade negra. Terminei conclamando os leitores a lerem o romance, observando a força feminina que o sustenta através de personagens como Salu, parida pela terra, mas que também a pariu, por ser mãe de pegação da maioria dos meninos, homens e mulheres que construíram e deram vida a Água Negra. O peito de Salu é morada da terra: “brotou em mim e enraizou [...] Mora aqui em meu peito porque dela se fez minha vida, com meu povo tudinho. [...] Vocês podem até me arrancar dela como uma erva ruim, mas nunca irão arrancar a terra de mim” (2019, p. 229-230).

Referências

CHAUÍ, M. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 1995.

ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

NORA, Pierre. Mémoire collective. In: LE GOFF, J. et alli (orgs). *La nouvelle histoire*. Paris: Retz, 1978.